

# Avaliações acerca da Palatalização Progressiva por Estudantes Universitários

Almir Almeida de **OLIVEIRA\***  
Aline Bezerra **FALCÃO\*\***

\* Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2017). Professor Doutor Adjunto -UNEAL. Contato: [almir.oliveira@uneal.edu.br](mailto:almir.oliveira@uneal.edu.br).

\*\* Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2021). Doutoranda pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Contato: [aline.falcao06@gmail.com](mailto:aline.falcao06@gmail.com)

## Resumo:

Esta pesquisa objetiva investigar, a partir de testes de atitudes e julgamentos linguísticos, a significação social das variantes envolvidas no processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/, como em formas linguísticas do tipo ‘mui[t]o ~ mui[tʃ]o’ e ‘gos[t]o ~ gos[tʃ]o’, por parte de estudantes universitários alagoanos. Estudos sociolinguísticos com produção da fala espontânea indicam que esse processo linguístico sofre pressões sociais negativas (Henrique; Hora, 2012; Mota; Rollemberg, 1997; Oliveira, 2017; Santos, 1996; Souza Neto, 2014), sendo evitado por pessoas mais jovens, mais escolarizadas e do sexo feminino. Considerando esse mapeamento no Nordeste, esta pesquisa investiga como a variante palatalizada é avaliada no ambiente universitário. Para tanto, o estudo se dá por meio de experimentos desenvolvidos com a técnica *matched-guise* (Campbell-Kibler, 2009; Irvine, 2001; Lambert *et al.*, 1960), com o intuito de analisar como aspectos subjetivos da identidade do falante podem interferir em julgamentos linguísticos e evidenciar valores socialmente estabelecidos. Portanto, foi aplicado um questionário de percepção e julgamento, através de formulário eletrônico, a 200 estudantes universitários da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Os resultados apontam para a existência de diferença na significação social que envolve a variante palatalizada a depender do contexto fonético/fonológico anterior à consoante oclusiva, se fricativa, como em palavras do tipo ‘gosto’ ou semivogal, como em ‘oito’. Sendo possível afirmar que, embora em ambos os casos haja uma avaliação negativa, quando a palatalização ocorre em ambiente de semivogal, o julgamento negativo é mais proeminente.

**Palavras-chave:** Sociolinguística variacionista; palatalização progressiva; percepção.

# Avaliações acerca da Palatalização Progressiva por Estudantes Universitários

---

Almir Almeida de Oliveira  
Aline Bezerra Falcão

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a significação social das variantes envolvidas no processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em formas linguísticas do tipo ‘mui[t]o ~ mui[tʃ]o’ e ‘gos[t]o ~ gos[tʃ]o’. Para tanto, é aplicado um questionário sobre julgamentos e atitudes linguísticas a estudantes da Universidade Estadual de Alagoas.

Levando em consideração os estudos sociolinguísticos que indicam que esse processo sofre pressões sociais negativas (Henrique; Hora, 2012; Mota; Rollemberg, 1997; Oliveira, 2017; Santos, 1996; Souza Neto, 2014), esta pesquisa busca investigar como a variante palatalizada é avaliada no ambiente universitário.

Nesse sentido, utiliza-se a base teórica da Sociolinguística Variacionista (Campbell-Kibler, 2009; Eckert, 2000; Irvine, 2001; Labov, 2008; Lambert *et al.*, 1960) a fim de observar como aspectos subjetivos do falante podem interferir em seus julgamentos e atitudes. Para tanto, foram aplicados testes de percepção e julgamentos linguísticos, realizados através de formulário eletrônico, a 200 estudantes universitários.

Também foi utilizado o método *matched-guise* (Campbell-Kibler 2009; Lambert *et al.*, 1960) e aplicados questionários em escala de diferencial semântica e em escala *likert*, para aferir o nível de identificação consciente do informante e os julgamentos e atitudes linguísticas acerca da palatalização progressiva das oclusivas alveolares (Vogel; Wanke, 2016).

Algumas questões são norteadoras desta pesquisa: a) a realização da variante palatalizada ativa uma avaliação mais negativa, por parte do informante, que a variante oclusiva?; b) a palatalização progressiva em contexto de semivogal, como em palavras do tipo ‘oito’, sofre o mesmo tipo de avaliação social que em contexto de fricativa, como ‘gosto’?; c) os julgamentos linguísticos são sensíveis ao processo subjetivo de identificação do falante?

O trabalho será organizado em três seções, sendo a primeira o Significado social da variação linguística, em que consta o aparato teórico utilizado na pesquisa; a segunda, Metodologia, na qual são apresentadas as particularidades da coleta e tratamento de dados; e a terceira, Resultados e Discussões, onde devem ser apresentados os dados da pesquisa, bem como suas consequentes análises.

## SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Todas as forças sociais que afetam o sujeito falante, conseqüentemente repercutem na língua, uma vez que não é possível desassociar a língua do sujeito ou de sua comunidade de fala, o que inclui considerar toda carga de valores sociais, suas preferências, preconceitos, status etc., bem como a relação dinâmica de poder que move os grupos sociais, naturalmente mediada/afetada pela língua. “[...] as pressões sociais estão operando sobre a língua. Não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008, p. 21).

A sociolinguística tem se ocupado em investigar os processos de variação e mudança linguística, considerando o conjunto de valores sociais que induzem ao surgimento e ao estabelecimento da identidade do indivíduo e da comunidade e, conseqüentemente, direcionam os rumos dos fenômenos linguísticos, ao proporcionar a extensão dos valores (positivos ou negativos) dos membros da comunidade às formas linguísticas por eles empregadas.

A construção subjetiva da identidade por parte do indivíduo está subestabelecida aos valores sociais da comunidade em que ele vive, de modo que ‘o quem sou eu?’ depende, entre outras coisas, do ‘quem somos nós?’, pois sendo o homem um animal social, as regras e os valores (explícitos ou não) do grupo devem afetar o seu comportamento, inclusive, linguístico, de modo que as variações não se tratam apenas de formas de diferentes de se comunicar, mas como forma de se posicionar no mundo. É o que ressalta Campbell-Kibler, 2009, p. 136<sup>1</sup>:

Os defensores do significado social argumentam que a variação linguística não apenas reflete as diferenças sociais, mas também é usada pelos falantes para se posicionarem no mundo social e, por meio de tal posicionamento, construir e reconstruir esse mundo [...]. A observação crucial é que não apenas os comportamentos linguísticos e outras estruturas sociais se correlacionam, mas o fazem porque os falantes/ouvintes se conectam mentalmente, seja consciente ou inconscientemente. O significado social, então, é o conteúdo social ligado nas mentes de um determinado falante/ouvinte a um determinado comportamento linguístico<sup>2</sup>.

Por isso, não pode parecer óbvia a valoração social das formas linguísticas, pois não se trata apenas de variação linguística, mas de como os valores socialmente estabelecidos determinam o comportamento linguístico do falante. Investigar julgamentos e percepções linguísticas do falante é estudar, por consequência, como os valores sociais são transformados em normas e atitudes, podendo preservar preconceitos e cultivar estigmas.

As atribuições de status refletem principalmente percepções de status socioeconômico. Como as variedades em norma padrão tendem a ser associadas a grupos socioeconômicos dominantes em uma determinada sociedade, os falantes da variedade padrão geralmente recebem mais status do que os falantes não padronizados. Isso é especialmente verdadeiro em contextos de estresse de status, como o local de trabalho ou a escola, onde fortes normas sociais podem operar para prescrever o uso da variedade padrão. Quanto mais forte o sotaque fora do padrão, mais negativamente a pessoa tende a ser avaliada<sup>3</sup> (Dragojevic, 2017, p. 19).

Os significados sociais das variantes linguísticas são, eles próprios, variáveis e mutáveis, mas uma vez disponíveis, o falante ativa diferentes avaliações de prospecto social sobre determinadas variantes a depender da expectativa situacional do contexto.

Por isso, pretende-se, com este trabalho, investigar os julgamentos linguísticos dos falantes alagoanos acerca do processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/, em variações do tipo ‘muito ~ mui[tj]o’, ‘gosto ~ gos[tj]o’ e ‘doido ~ doi[dʒ]o’ e identificar os valores atribuídos a cada uma das variantes.

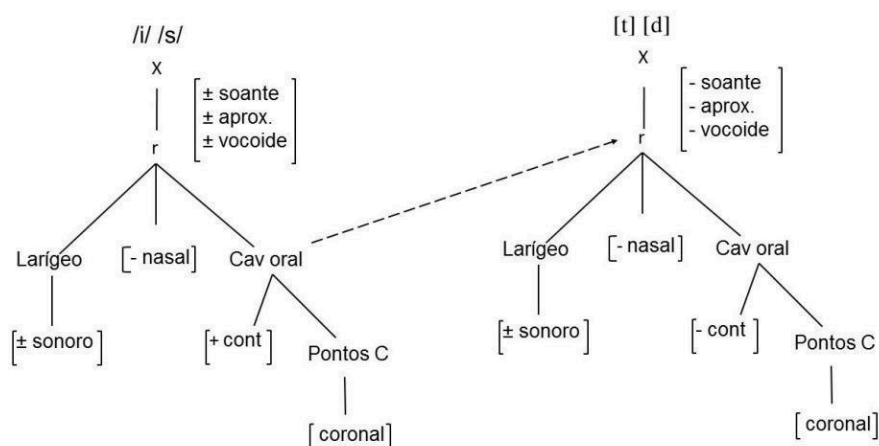
<sup>1</sup> Todas as traduções aqui presentes são de inteira responsabilidade dos autores do artigo.

<sup>2</sup> No original: Proponents of social meaning argue that linguistic variation not only reflects social differences, but is also used by speakers to position themselves within the social world, and through such positioning, to build and rebuild that world [...]. The crucial observation is that not only do linguistic behaviors and other social structures correlate, but that they do so because speakers/hearers mentally connect them, whether consciously or unconsciously. Social meaning, then, is social content tied in the minds of a given speaker/hearer to a particular piece of linguistic behavior.

<sup>3</sup> No original: Status attributions primarily reflect perceptions of socioeconomic status. Because standard varieties tend to be associated with dominant socioeconomic groups in a given society, standard speakers are typically attributed more status than nonstandard speakers. This is especially true in status-stressing contexts, such as the workplace or school, where strong social norms may operate to prescribe the use of standard varieties. The stronger one’s nonstandard accent, the more negatively the person tends to be evaluated.

A palatalização progressiva das oclusivas alveolares, fonologicamente, se dá em relação a posição do gatilho do processo, geralmente um fonema portador do traço [+coronal], como as fricativas [s] e [z] e a semivogal [j] em posição anterior às oclusivas [t] e [d]. Entende-se que há um espriamento progressivo do traço [+coronal] em direção à consoante oclusiva, disparando o processo de palatalização e autorizando a transformação de um som oclusivo em africado (Cf. Bisol, 1991, 2014). O que distingue a palatalização progressiva da regressiva, neste caso, é a posição do traço coronal, que vem posterior às consoantes oclusivas, como em formas linguísticas do tipo ‘tio’ e ‘dia’.

**Figura 1** – Processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares



Fonte: Oliveira (2017).

A figura 1 ilustra como o processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares resulta do espriamento do traço [+coronal] da cavidade oral do segmento anterior em direção ao nó de raiz da consoante oclusiva, transformando-a em um fone africado. É esse movimento que caracteriza o processo progressivo.

Este é um processo linguístico percebido em toda região Nordeste, principalmente na faixa de Litoral e Zona da Mata, que vai da Bahia até o Rio Grande do Norte (Henrique; Hora, 2012; Hora, 1990; Mota; Rollemberg, 1997; Oliveira, 2017; Souza Neto, 2014).

Alagoas, no entanto, é o estado do Nordeste que apresenta os maiores índices de produção, com percentual que varia entre 20% e 25% (Oliveira, 2017; Oliveira, 2018; Oliveira; Oliveira, 2021; Oliveira; Oliveira; Paula, 2018; Santos, 1996), em comparação com outros estados do Nordeste, cuja produção linguística de palatalização progressiva das oclusivas alveolares é em torno de 10% ou menos (Henrique; Hora, 2012; Hora, 1990; Mota; Rollemberg, 1997; Souza Neto, 2014), o que faz de Alagoas a comunidade de fala mais produtiva do processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares em todo território brasileiro.

Esta pesquisa se reporta, deste modo, a uma investigação sobre os efeitos de duas variantes linguísticas na percepção social alagoana, sobretudo no comportamento dos estudantes da Universidade Estadual de Alagoas, partindo da hipótese fundamentada em dados da fala oral de que a variante palatalizada sofre avaliações sociais negativas.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa seguiu os preceitos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Campbell-Kibler, 2009; Eckert, 2000; Irvine, 2001; Labov, 2008; Lambert et al., 1960), a qual

prevê a espontânea identificação de processos variáveis a comportamentos e atitudes subjetivas dos falantes.

Os dados analisados pertencem ao ‘GEVAL - AL – Grupo de estudo variação linguística em Alagoas’ e foram coletados a partir do preenchimento de formulário eletrônico (google forms) entre junho e dezembro de 2021<sup>4</sup>. O formulário utilizado para a coleta de dados foi composto por 65 questões, sendo 25 questões direcionadas a aferir os julgamentos dos falantes acerca do processo de palatalização progressiva e 40 questões distratoras, que tratavam de outros fenômenos linguísticos.

A partir do método *matched-guise* (Campbell-Kibler, 2009; Lambert et al., 1960), os estudantes universitários foram submetidos ao estímulo de áudios previamente gravados (por uma mesma pessoa), que continham a presença e a ausência da variante palatalizada<sup>5</sup>, sendo impelidos a preencher um questionário de avaliação e percepção.

Também foram aplicadas questões em escala de diferencial semântica, a fim de obter percepções categóricas sobre os julgamentos dos informantes a partir de adjetivos opostos (feio~bonito, correto~errado, urbano~rural etc.). Além disso, os estudantes universitários foram questionados sobre a percepção de preconceito linguístico e a relação de produção das variantes com o nível de instrução escolar do falante.

A realização do teste produziu dados que permitiram análises e interpretações sobre os julgamentos que envolvem a produção e a recepção da variante palatalizada em Alagoas, conforme serão apresentadas na seguinte seção.

## RESULTADO E DISCUSSÕES

O teste contou com a colaboração de 200 informantes, todos alunos universitários do Campus III da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, com idades entre 18 a 45 anos e de ambos os sexos – embora tenha havido uma predominância de informantes jovens e do sexo feminino.

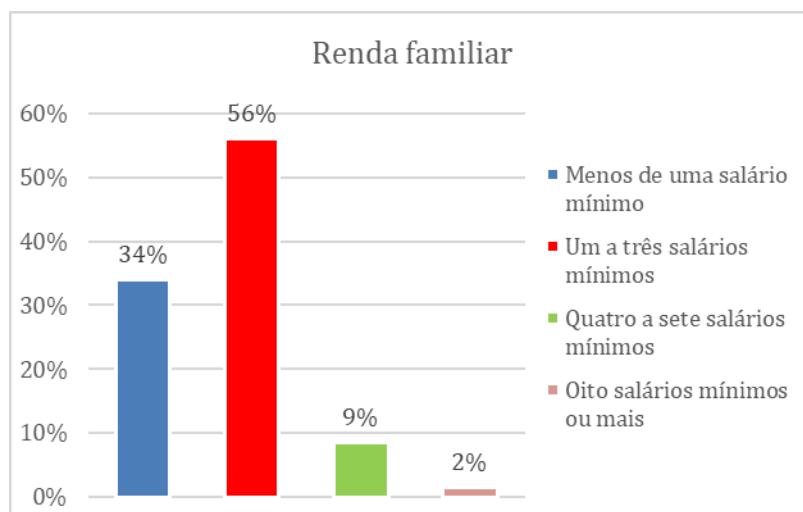
Cerca de 34% dos informantes da pesquisa disseram ter uma renda familiar menor que um salário-mínimo e 56%, uma renda familiar de até de três salários-mínimos. Somente cerca de 10% dos alunos do Campus III da Uneal informaram ter uma renda familiar maior que quatro salários-mínimos, conforme pode ser visualizado no gráfico 1. Isso dá uma pista da classe social representada pela amostra de alunos da Uneal.

---

<sup>4</sup> Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética com o CAAE: 57933822.8.0000.5013

<sup>5</sup> Esta pesquisa entende como variante palatalizada as formas fonéticas africadas [tʃ] e [dʒ], resultantes do processo de palatalização progressiva, que se opõem às formas oclusivas [t] e [d].

**Gráfico 1 - Renda familiar do informante**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Diferentemente do Projeto NURC, Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, que, nos anos 1970, partiu do pressuposto de que estudantes universitários eram representantes fiéis da norma culta, aqui, não é possível assumir que os informantes desta pesquisa sejam amostras confiáveis da norma culta urbana no Brasil, uma vez que passados 50 anos, a realidade social do país mudou e o ensino superior já não é um privilégio das classes sociais mais elevadas (Cf. Castilho, 1994).

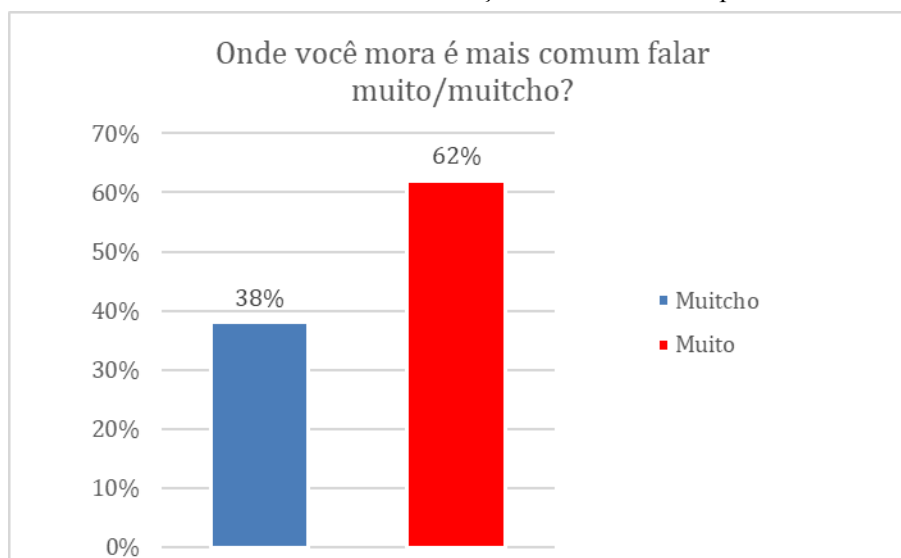
Por outro lado, mesmo que os alunos da Uneal, em média, pertençam às classes sociais mais baixas, acredita-se que na realidade do Agreste Alagoano, o simples fato de o aluno estar em um curso superior já é suficiente para que ele experimente certo prestígio social, além de que o maior tempo de escolarização o fará ter maior contato com a norma padrão escolar.

Acredita-se que o perfil estabelecido como informante da pesquisa, alguém predominantemente jovem, do sexo feminino, classe social média-baixa direciona os julgamentos estabelecidos às variantes envolvidas no processo de palatalização. Afinal, “atitudes em relação ao dialeto não-padrão são atitudes que refletem a estrutura social da sociedade. Da mesma forma, os valores sociais também são refletidos em julgamentos relativos às variedades linguísticas<sup>6</sup>” (Trudgill, 2000, p. 09).

Com a finalidade de investigar possível consciência de produção relacionada à variante palatalizada, os informantes foram indagados sobre a frequência de produção. Conforme o gráfico 2, 62% dos informantes informaram nunca ou raramente produzirem formas linguísticas palatalizadas do tipo “muitcho”, enquanto cerca de 22% dos falantes reconheceram utilizar essa forma linguística sempre ou regularmente. Esses dados estão consonantes com Oliveira e Oliveira (2021), que constataram, através de coleta de fala espontânea, que a produção dessas variantes em Alagoas gira em torno de 20%, o que sugere um elevado índice de consciência linguística entre os falantes.

<sup>6</sup> Tradução nossa. No original: In other words, attitudes towards nonstandard dialects are attitudes which reflect the social structure of society. In the same way, societal *values* may also be reflected in judgments concerning linguistic varieties.

**Gráfico 2** - Consciência de realização local da variante palatalizada

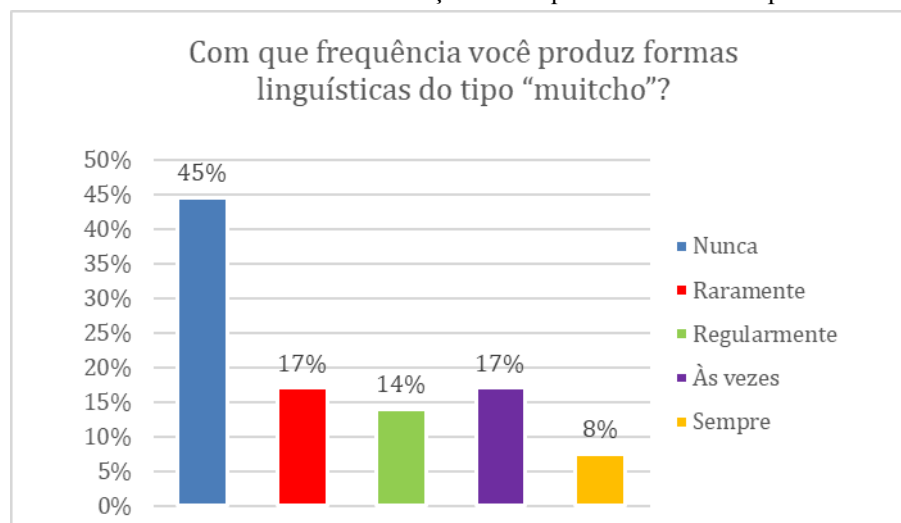


**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Os informantes da pesquisa demonstraram percepção de realização linguística de natureza étnica/diatópica ao relacionarem o processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares com a localização geográfica. Inicialmente, foram indagados sobre a forma mais comum de fala em sua localidade e depois sobre a região em que tais formas linguísticas seriam mais comuns. O dado relevante aqui é que parte dos estudantes, 38%, informam que, em seus lugares de residência, a variante africada é mais produtiva, o que demonstra elevado índice de consciência linguística, uma vez que os dados de produção sugerem a realização dessa variante em torno de 20% (Oliveira; Oliveira, 2021).

Esses dados coadunam com aqueles apresentados no gráfico 3, os quais indicam que cerca 39% têm elevada consciência de produção da variante palatalizada e informam produzir essas variantes palatalizadas às vezes, regularmente ou sempre. Isso indica que embora esse resultado não represente, necessariamente, dados de produção linguística por parte do falante ou da comunidade, há um elevando índice de percepção das variantes palatalizadas por esses informantes.

**Gráfico 3** – Consciência de realização de frequência da variante palatalizada

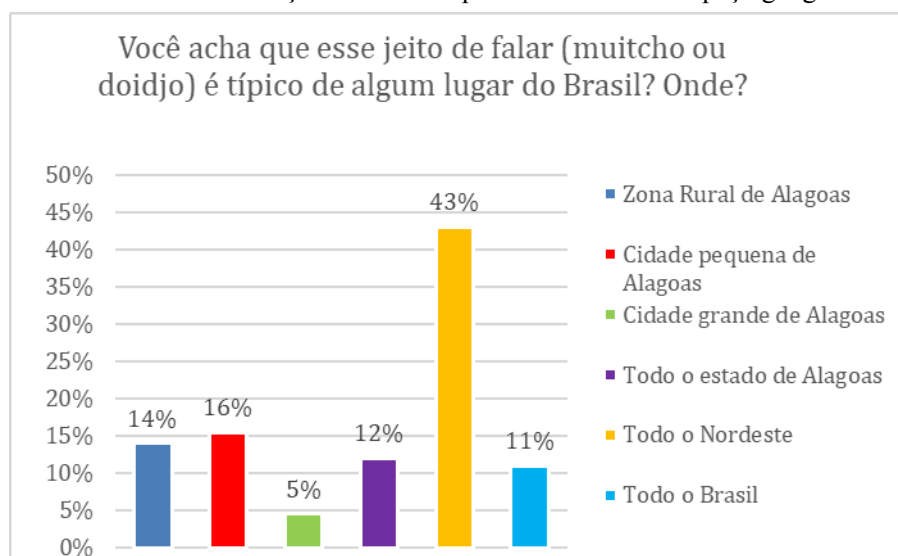


**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Quando questionados sobre a região em que o processo de palatalização progressiva seria mais produtivo – apesar de a maioria, 43%, identificar a Região Nordeste como lugar mais produtivo da palatalização –, entre aqueles que identificaram o processo como fenômeno típico de Alagoas, 17% disseram ser mais comum nas cidades pequenas de Alagoas e apenas 5% identificaram o processo como uma característica linguística das cidades grandes do estado.

Esses números dão indícios de significação social negativa que esse tipo de fenômeno possa carregar, pois além de terem sua produção inibida pelos falantes do sexo feminino, pelos jovens e pelos mais escolarizados (Cf. Oliveira, 2018) e serem mais comuns nos bairros periféricos de Maceió (Cf. Oliveira; Oliveira, 2021), essa forma linguística está sendo atribuída aos falantes das cidades pequenas do interior de Alagoas.

**Gráfico 4** – Associação da variante palatalizada com o espaço geográfico



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Ao investigar a variação linguística entre os espaços rural e urbano é possível notar que enquanto o ambiente urbano favorece o estabelecimento da norma culta, os espaços rurais são alvo de avaliações negativas por abrigarem as variantes linguísticas tidas como incultas. Bortoni-Ricardo (1993, p. 73), ao investigar o contínuo da variação linguística destaca que:

Em vista da complexidade de que se reveste a variação linguística na comunidade de fala brasileira, um recurso metodológico para se descrever as variedades populares do Português é trabalharmos com um cenário de um continuum dialetal. Em um dos polos situar-se-á a língua padrão usada nas áreas urbanas pelas pessoas cultas, da qual o corpus do projeto Nurc é representativo. Na extremidade oposta, estarão as variedades usadas nas comunidades mais isoladas geográfica e socialmente, pelos falantes analfabetos ou semi-alfabetizados.

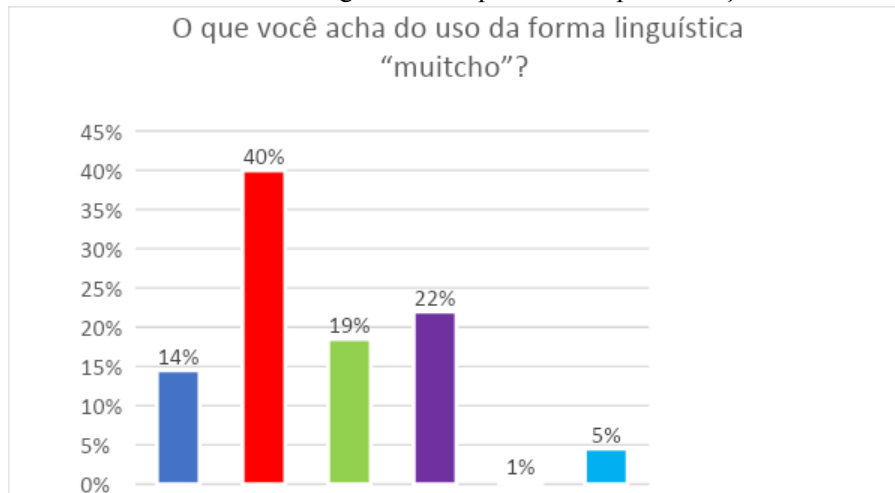
Então, quando o estudante universitário entende que a variante palatalizada é mais produzida nas cidades do interior ou nos ambientes rurais, ele atesta uma percepção negativa sobre a variante, principalmente, quando dados de produção revelam que a capital alagoana é a maior produtora da variante palatalizada, alcançando 30% de realização (Oliveira; Oliveira, 2021).

A atribuição de valores negativos ao processo de palatalização progressiva pode ser constatada também no gráfico 5, que ilustra a reação dos informantes quando questionados sobre a impressão pessoal desse tipo de variação. Conforme constatado no gráfico 5, cerca de 74% dos informantes avaliaram as formas linguísticas palatalizadas com valores negativos como feia,



errada ou antiga, o que evidencia uma significação social negativa.

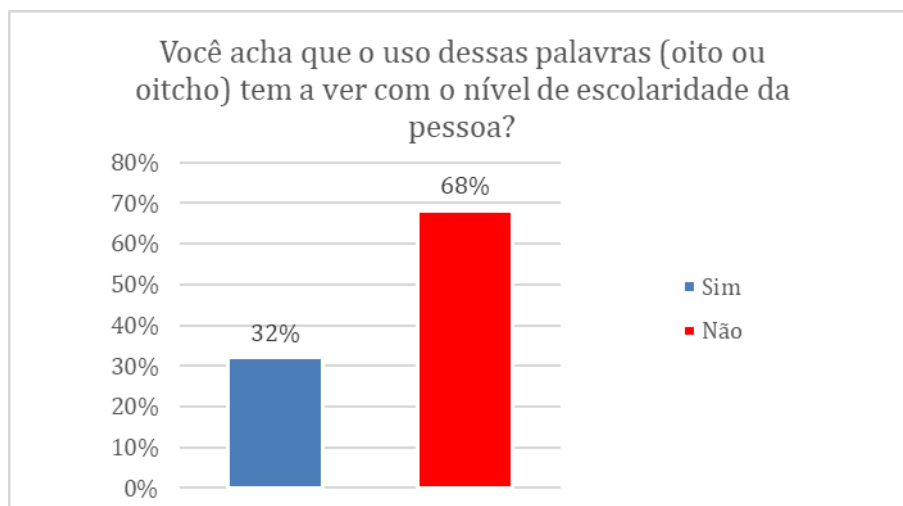
**Gráfico 5 - Julgamento do processo de palatalização**



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quando indagados sobre a relação do processo variacional e o nível de escolaridade do falante, um alto percentual de informantes, 68%, respondeu que o processo de palatalização não é afetado pelo nível de instrução escolar do falante. Talvez, essa percepção decorra de uma realização da variante palatalizada por todos os estratos escolares da sociedade alagoana. Oliveira (2017) observou que, do ponto de vista da produção, houve realização em todas as faixas de escolaridade; no entanto, quanto maior o nível de instrução escolar do falante, menor a probabilidade de ocorrência da variante palatalizada.

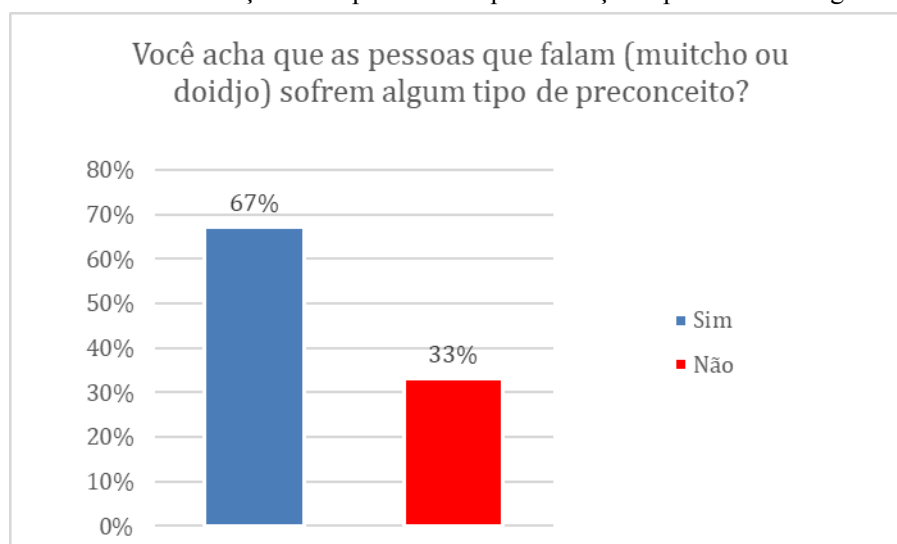
**Gráfico 6 - Associação entre escolaridade e o processo de palatalização**



Fonte: Elaborado pelos autores.

De igual modo, os informantes também percebem a existência de julgamentos sociais que recaem sobre o processo de palatalização progressiva em Alagoas e o conseqüente preconceito sofrido pelos falantes, ao menos é o que atestam 67% dos informantes da pesquisa, conforme gráfico 7:

**Gráfico 7 - Associação entre processo de palatalização e preconceito linguístico**



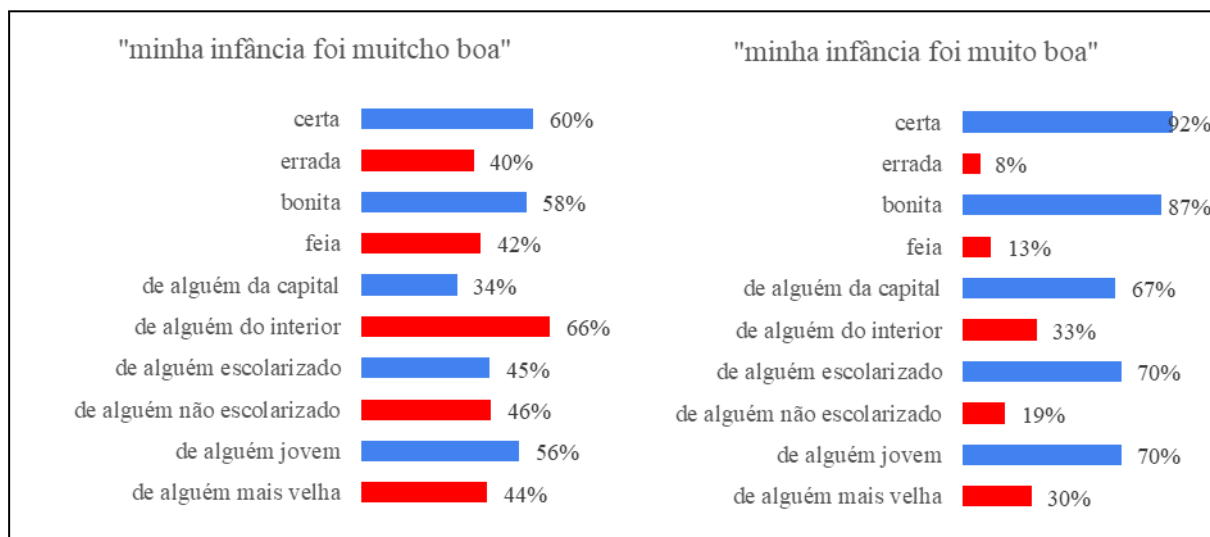
**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Assim, é possível afirmar que o processo de palatalização progressiva é julgado pela comunidade de fala alagoana e que recai sobre as variantes africadas – resultado do processo de palatalização – avaliações negativas que resultam em preconceitos e discriminações ao falante.

Esse julgamento discriminatório pode ser mais bem percebido pelos gráficos seguintes, que ilustram as reações dos informantes a estímulos auditivos a partir de áudios elaborados exclusivamente para esta pesquisa. Neles, os informantes ouviram construções linguísticas que realizaram a forma oclusiva – variante conservadora do processo – e a variante africada – resultado do processo de palatalização.

Ao se observar o contraste entre as informações do gráfico 8, fica explícito o tipo de julgamento social que envolve o processo de palatalização progressiva no estado de Alagoas. Enquanto 31% entenderam a forma africada como errada, somente 1% teve o mesmo julgamento com a variante conservadora; 40% disseram que a forma africada é feia, mas apenas 4% disseram que o uso da oclusiva é feio. Mais de 70% dos informantes identificaram a variante africada como pertencente a alguém do interior em oposição a 25% com relação a variante oclusiva. Enquanto 46% atribuíram a realização da variante africada a alguém não escolarizado, essa percepção foi de apenas 4% com a variante oclusiva. Quanto à percepção da idade, 40% dos informantes atribuíram a fala a alguém mais velho quando a variante africada era utilizada, mas esse valor reduziu para 17% quando foi utilizada a variante oclusiva, embora as gravações sejam do mesmo autor.

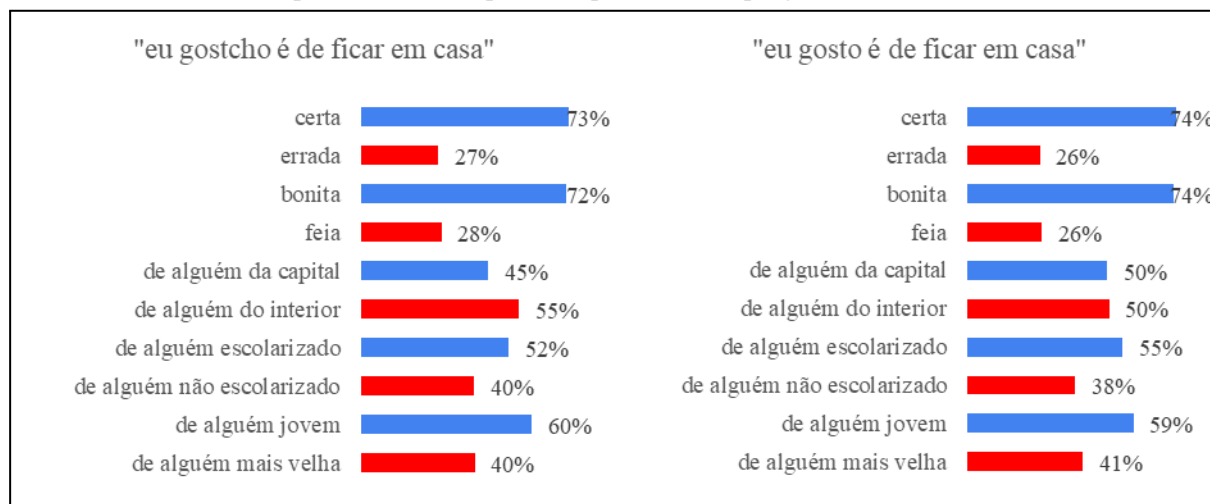
**Gráfico 8 -** Percepção auditiva do processo palatalização progressiva em contexto de semivogal



Fonte: Elaborado pelos autores.

Por outro lado, essa percepção de marca social negativa foi menor quanto à variante africada em contexto da palatalização da fricativa alveolar, com /S/ em posição anterior à consoante oclusiva, como em palavras do tipo “gosto”, conforme pode ser verificado no gráfico 9. Essa percepção corrobora os resultados encontrados por Oliveira (2017), que já notara que, em Maceió, o uso das variantes palatalizadas em contexto de semivogal (“oito” e “doido”) era mais evitado que em contexto de fricativa.

**Gráfico 9 -** Percepção auditiva do processo palatalização progressiva em contexto de fricativa



Fonte: Elaborado pelos autores.

Possivelmente, essa percepção mais sutil de estigma com a variante palatalizada em contexto de fricativa acontece devido a outro processo fonético presente em todo o Nordeste, que é palatalização da fricativa alveolar, que autoriza a realização de formas linguísticas como “pa[ʃ]ta” e “pe[ʃ]te”. Logo, já é esperada a produção de um fone palatalizado em palavras dessa natureza, de modo que quando o processo de palatalização recai sobre a oclusiva alveolar, a percepção do ouvinte é reduzida.

Embora também seja possível notar, nos gráficos 8 e 9, alguma avaliação negativa em relação à consoante oclusiva – que é a forma linguística culta e escolarizada – não se sabe até

que ponto esses valores representam uma percepção realmente negativa por parte do ouvinte ou se apenas resultam de um erro estrutural na coleta dos dados, em que o aluno universitário não respondeu com sinceridade ao questionário ou não compreendeu realmente o que se pedia e os dados não correspondem à realidade.

De qualquer modo, os julgamentos que ocorrem quanto ao processo de palatalização progressiva revelam um comportamento social discriminatório que afeta o uso das variantes linguísticas envolvidas no processo, conforme pode ser notado pelas diferentes avaliações apresentadas no gráfico 9.

## CONCLUSÃO

Considerando as particularidades do teste e o perfil dos informantes, composto majoritariamente por mulheres jovens que cursam ensino superior, não é possível apresentar um quadro completo do significado social do processo de palatalização progressiva em Alagoas, mas é possível identificar tendências dos julgamentos sociais que afetam a variante palatalizada.

É possível identificar que os resultados desta pesquisa apontam para a existência de diferença na valoração social que envolve a variante palatalizada a depender do contexto fonético/fonológico anterior à consoante oclusiva, se fricativa, como em palavras do tipo ‘gosto’, ou semivogal, como em ‘oito’.

Esses dados de percepção e julgamento linguístico corroboram com os resultados de Oliveira (2017), que já demonstrara, a partir de dados de fala espontânea, que o processo de palatalização progressiva é favorecido pelo contexto de fricativa, enquanto o contexto de semivogal o desfavorece. Assim, é possível afirmar que, embora em ambos os casos haja uma avaliação negativa, quando a consoante africada ocorre em ambiente de semivogal, o julgamento negativo é mais proeminente.

O significado social que a variante pode carregar, talvez, esteja ligado ao ambiente em que ela é produzida, ou seja, como se trata de alunos universitários que responderam o questionário dentro do ambiente da universidade, é esperado que os valores sociais desse ambiente reflitam em suas avaliações. Mas quando esse informante está em ambiente externo – como o doméstico –, é possível que essa variante tenha outro significado social – talvez, menos marcado – tendo uso comum, apesar da avaliação negativa.

Embora esta pesquisa tenha identificado uma valoração social das variantes com base na estereotipia de positivo e negativo, não foi possível identificar significados sociais pormenorizados para essa variação. Portanto, é fundamental que novos estudos se aprofundem na investigação da relação entre essas formas linguísticas e os contextos situacionais de uso e contribuam, assim, para uma compreensão mais abrangente e precisa das dinâmicas sociais que envolvem esse processo variacional.

## REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, Berlim, n. 89, p. 107-124, 1991.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação bidialetal - o que é? É possível? In: SEKI, Lucy (org.). *Linguística indígena e educação na América Latina*. Campinas, SP: UNICAMP, 1993. p. 71-88.
- CAMPBELL-KIBLER, kathryn. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, Cambridge, GB, v. 21, n. 1, p. 135–156, 2009.
- CASTILHO, Ataliba T. Problemas de descrição de língua falada. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, SP, v. 10, n. 1, p. 47-71, 1994.
- DRAGOJEVIC, Marko. Language attitudes. In: OXFORD Research encyclopedia of communication. Oxford: Oxford University Press, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.437>
- ECKERT, P. *Language variation as social practice: the linguistic construction of identity in Belten High*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2000.
- HENRIQUE, Pedro; HORA, Dermeval da. Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. In: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, 24., 2012, Natal, RN. *Anais [...]*. Natal: EDUFRN, 2012. p. 150-161.
- HORA, Dermeval da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, Porto Alegre, 1990.
- IRVINE, Judith T. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (ed.). *Style and sociolinguistic variation*. New York, NY: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008. Título original: *Sociolinguistic Patterns*. Copyright © 1972.
- LAMBERT, Wallace E.; HODGSON, Robert C., GARDNER, Raquel C., FILLENBAUM, Samuel. Evaluational reactions to spoken language. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Boston, Mass, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131-140.
- OLIVEIRA, Almir Almeida de. *Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió*. 2017. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- OLIVEIRA, Almir Almeida de; OLIVEIRA, Alan Jardel de. Variação diatópica e o processo de

mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas. *Alfa*, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e12280>

OLIVEIRA, Almir Almeida. Palatalização progressiva das oclusivas alveolares com a fricativa /s/ em contexto anterior na cidade de Maceió. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 60, n. 3. p. 630-646, 2018.

OLIVEIRA, Almir Almeida; OLIVEIRA, Alan Jardel; PAULA, Aldir Santos. Palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Maceió. *Revista Leitura*, Maceió, v. 1, n. 60, p. 102-122, jan./jun. 2018.

SANTOS, Lúcia de Fátima. *Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1996.

SOUZA NETO, Antônio Félix. *Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju*. Aracaju, SE: Ed. da UFS, 2014.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. 4. ed. New York: Penguin Books, 2000.

VOGEL, Tobias; WANKE, Michaela. *Attitudes and attitude change*. London: Psychology Press, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315754185>. eBook ISBN9781315754185